

Nota sobre uma ara funerária de Rubiães,
Paredes de Coura (Viana do Castelo)
do Museu Nacional de Arqueologia (E-5208)

Maria Manuela Alves Dias*

Resumo

Publica-se uma inscrição funerária romana, proveniente de Rubiães, concelho de Paredes de Coura, distrito de Viana do Castelo, entrada no Museu em finais de 1905. Para a leitura do texto epigráfico propõe-se o nome *Corunis* nom., *Corunis* gen., na referência a um *Corun[is] Medami [filius]*, *Cantiensis*, e ao seu filho *Camalus Corun[is]s [filius]*.

Abstract

The epigraphic collection of the Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, kept unpublished, since 1905, a roman tombstone, from Rubiães, Paredes de Coura, Viana do Castelo, (NW. Portugal). The present paper offers an interpretation of the onomastic evidences: Corun[is] Medami [filius], Cantiensis, and Camalus Corun[is]s [filius]. Corunis, -is is proposed as another form of the stated (since 1960) Corunius, -i.

* Unidade de Ciências Exactas e Humanas da Universidade do Algarve.
Res. part.: Av. de Madrid, 24, 2.º, P-1000 Lisboa.

Nota sobre uma arte funerária de Rubiães,
Paredes de Coura (Viana do Castelo)
do Museu Nacional de Arqueologia (E-208)

Maria Manuela Alves Dias*

Resumo

Publica-se aqui o estudo funerário romano proveniente de Rubiães, concelho de Paredes de Coura, distrito de Viana do Castelo, recolhido no Museu em finais de 1907. Para a leitura do texto egípcio propõe-se o nome *Comitatus* para o nome que se encontra no *Carta da Escrita Hieroglífica*. Considera-se ao ser o nome *Comitatus*.

Abstract

The epigraphic collection of the Roman necropolis of Rubiães, Paredes de Coura, published since 1907 is roman material from Rubiães, Paredes de Coura, Viana do Castelo (NW Portugal). The present paper offers an interpretation of the hieroglyphic text. The name *Comitatus* is proposed as the name of the deceased. It is proposed as another form of the word *Comitatus*.

* Trabalho realizado no âmbito do projecto de investigação "A Arqueologia da Escrita Hieroglífica", financiado pelo Ministério da Cultura, através do Instituto de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Lê-se no *Livro de Entradas* do Museu, na E-5208 “Lápide romana funerária, cortada nos lados, o que estragou a inscrição; estava na Igreja de Rubiães (P. Coura), na escada para a Torre, onde a vi com o Dr. Narciso”. E ao lado: “Enviada pela Junta de Parochia, por intermédio do Dr. Narciso C. Alves da Cunha”. Na listagem das novas peças entradas no Museu (Carvalhoes, 1911, p.110), refere-se, datada de Dezembro de 1908, a oferta de uma ara lusitano-romana proveniente de Paredes de Coura, mas nada garante que seja esta de Rubiães. Consultada a correspondência do Legado Leite de Vasconcelos, através dum meritório índice recentemente publicado (Coito; Coelho, 1988-1989, p. 355), encontrámos as seguintes referências a esta peça nas cartas que o Dr. Narciso Cândido Alves da Cunha dirigiu a J. Leite de Vasconcelos:



1 – *Carta* datada de 23-9-1905: “[...] Pedi a pedra que está na escada para a torre de Rubiães. Depois de uma troca de cartas, foi concedida para o Museu.”;

2 – *Carta* datada de 11-11-1905: “[...] Venho agora communicar a V. E.^a, que ha dias, fiz expedir a lapide de Rubiães para o Museu. A juncta de Parochia

lavrou uma acta p^a constar a data em que foi retirada e destino que lhe foi dado. Pede-me p^a solicitar de V. E.^a, cópia da inscrição e respectiva tradução.”;

3 – *Carta* datada de 18-11-1905: “[...] Há bastantes dias remetti a V. E.^a outra guia com outro caixão, contendo uma lapide, com uma inscrição, de Rubiães, freg^a. d’este concelho, mas não sei ainda se foi recebida p^r. V. E.^a, ou não, o que, aliás, me está causando inquietação.”

4 – *Carta* sem data: “[...] Confirmando a minha anterior, devo dizer-lhe que ha bastantes dias derigi ao Sr. Campos a guia do caminho de ferro, respeitante á lapide de Rubiães, que estava na escada para a torre”, neste ponto J. L. de Vascelos anotou a lápis: “E -5208”.

Finalmente a lápide de Rubiães tinha chegado a Lisboa, talvez em fins de Novembro ou inícios de Dezembro de 1905, o que certamente deve ter sossegado o Dr. Narciso da Cunha, mas que foi o início do desassossego para J. Leite de Vascelos, e não sem forte motivo, pois passados noventa anos, esta inscrição de Rubiães ainda o é, para nós.

Trata-se de uma ara funerária (fig. 1), talhada num bloco de granito de grão fino, com base moldurada e soco, com o capitel igualmente moldurado e no topo do qual se observa um *foculus* de autenticidade muito duvidosa - de facto, se alguma vez existiu, foi desfigurado pela necessidade de rebaixar o topo da ara com um orifício de forma rectangular de 19×14,5 cm, dentro do qual por sua vez se escavou um segundo orifício, rectangular, como o primeiro, de 12×9 cm, que parece um encaixe para base de cruz. Pensamos que terá sido depois desta reutilização, que seria igualmente responsável pelo chanfro das arestas do fuste, que a ara deve ter sido colocada nas escadas da torre da igreja, e danificados então o soco e o capitel nas costas da ara.

Os cortes das arestas tiraram 5,5 a 6 cm do lado esquerdo e do lado direito do campo epigráfico, afectando o texto. O início conservado da 1.4 está erodido, o que aumenta as dificuldades de leitura. A fotografia que se reproduz foi feita há cinco anos. Os problemas de leitura continuam a existir, apesar duma nova e minuciosa observação do monumento.

Medidas: 117 alt.×45 larg.×47 cm esp.; o campo epigráfico mede 71,5 alt.×27 (no topo) a 25 cm larg. na base; as letras medem 7 cm nas três primeiras linhas, 6,6 cm nas restantes linhas; os espaços interlineares são de 2 cm e de 1,5 cm entre a 1.6 e a 1.7.

O texto distribui-se por oito linhas, e é muito possível que tenha tido pautas de orientação de escrita. O lapicida terá tido a preocupação de ocupar todo o espaço livre de cada linha, fazendo espaçamentos de tamanhos diferentes nas diversas linhas. Parece-nos que houve a preocupação de definir duas áreas para as duas mensagens principais do texto, uma para o nome do morto, outra para o nome do filho responsável pela feitura da memória. A primeira mensagem acaba a meio da 1.5, com a redacção da fórmula funerária *b(ic) s(itus)* abreviada mostrando grandes espaçamentos entre o *b* e o *s*. A segunda mensagem começa exactamente na 1.5 com o nome do filho *Camalus*, sendo de notar que o recurso ao nexa *am* de *Camalus* poderia ter sido evitado se a fórmula funerária dessa mesma linha não estivesse tão significativamente espaçada; assim, a

ordinatio desta 1.5 vinca essa consciente divisão das duas mensagens que a inscrição contém. Repare-se também que, na primeira mensagem do texto, houve a preocupação de não cortar as palavras, escrevendo uma palavra em cada linha, enquanto que, a partir daí mesmo, os elementos onomásticos *Cam[al]/us* e *Corun[is]* aparecem em duas linhas.

A inscrição é de feitura muito cuidada. Os *puncta* (de abreviatura e os *distinguentes*), oito ao todo, são circulares e aparecem nas linhas 5 a 8.

As letras das 1.1 e 2 são de maior tamanho e o seu módulo é menos alongado do que o das restantes, o que é particularmente notório no traçado do *o* da 1.1, que é quase perfeitamente circular, contrastando com o *o* da 1.8, que tem uma forma ovalada. Os *aa* apresentam a barra mediana recta. Todos os *ee* da inscrição mostram barras horizontais muito recolhidas, enquanto que o *f*, pelo contrário, apresenta as barras horizontais bem desenvolvidas e de igual tamanho. Os *mm* apresentam ângulos muito abertos. Na 1.4, a barra do *t* é também, como sucede as dos *ee*, bastante curta. Todo o texto dá-nos uma imagem de um caminho para a economia do espaço, desde o vasto afastamento, na 1.1 das duas letras da invocatória *Dis Manibus* até à concentração de sete a oito letras nas duas últimas linhas.

Leitura:

D(is) M(anibus)
Corun[is]
 3 *Medam[is] filius)*
Cantiens[is]
h(ic) s(itus) Cam[al]
 6 *us Coru[n]*
is filius) pius pa[tr]
i] suo faciendum) curavit)

O que em português quer dizer:

[Monumento consagrado] aos Deuses Manes. Aqui jaz Coruno, filho de Medamo, cantiense (?). Camalo, filho piedoso de Coruno, a seu pai, tratou que fosse feita [esta memória].

Há que justificar esta leitura epigráfica. Como se vê estamos a propor o antropónimo *Corunis*, *Corunis*, e não *Corunius*, *Corunii*, documentado numa estela funerária encontrada junto à residência paroquial de Várzea do Douro, Marco de Canavezes (Brandão, 1960, p. 194-196, n.º IV): *Proclus posuet Corunio an LXXXV*. Esta forma documentada e a proposta que fazemos serão ambas variantes de um mesmo nome, pertencente ao universo onomástico indo-europeu, onde encontramos o próprio gentílico romano *Corona* e a sua relação com o cognome *Coronianus*, e o adjectivo que se estendeu à toponímia (*fundus coronianus*) (Schulze, 1904, p. 77). O uso onomástico, tanto em gentílicos como

em cognomes, está bem documentado (Kajanto, 1965, p. 117 e 346 e Solin; Salomies, 1988, p. 61 e 318), mesmo para a Península Ibérica (Abascal Palazón, 1994, p. 336), onde a articulação de bibliografia que vem desde a década de cinquenta até hoje, veio a amplificar o conceito de grande família de formas onomásticas derivadas de um radical comum, *Coro-* sobretudo no pensamento linguístico de M. L. Albertos (Palomar Lapesa, 1957; Albertos Firmat, 1964, 1965, 1966, 1972 e 1979) que mais recentemente tinha retomado a este respeito a exploração de ideia já contida na obra de W. Schulze (Schulze, 1904, p. 320).

Estamos a propor *Corunis* que, como nome único, será de natureza adjectival como os *cognomina* latinos *Immunis* ou *Perennis*, etc. (Solin; Salomies, 1988, p. 444), por ser aquela que melhor se adapta na leitura da 1.2 (*Corunis*, nom.) e da 1.6/7 (*Coruni/s*, gen.) do texto epigráfico que nos chegou e que deve ter sido, na época do seu achado, de muito mais problemática leitura do que hoje. É evidente que formas como *Corunionis* ou outras assim, também podem ter cabimento do ponto de vista da onomástica, mas são mais improváveis face à dimensão da superfície perdida pelo chanfro das arestas; recorde-se o que logo no início desta nota se transcreveu do *Livro de Entradas*, “Lápide romana funerária, cortada nos lados, o que estragou a inscrição”, do punho de J. Leite de Vasconcelos. Mas, estando a tratar de *Corunis*, antropónimo, não é despiendo deixar de evocar as observações pertinentes que já foram feitas a respeito de *Coronus*, teónimo, num estudo valioso (Encarnação, 1975, p. 160-163), onde a propósito convém recordar que em Briteiros, numa rocha, se registou este texto - *Coru / abe / Medamus / Camali* (Encarnação, 1975, p. 161) que associa numa mesma inscrição *Coru-* e *Medamus Camali*, dois antropónimos que também aparecem ligados familiarmente nesta ara funerária de Rubiães.

A inscrição revela três elementos onomásticos pessoais e um de natureza de origem ou de pertença que definem o seguinte esquema familiar:

(*Medamus*)
 |
Corun[is] Medami [C]antiens[is]
 |
Camalus Corun[i]s f[ilius]

Este esquema faz o registo da onomástica pessoal de três indivíduos, cada um de uma geração sucessiva, que se pode deduzir do texto epigráfico: *Medamus*, avô; *Corunis*, filho; *Camalus*, neto. Há a juntar a este conhecimento o facto de *Corunis* ser identificado como [C]antiense, a recordar a *origo*, ou o grupo clânico; dado o estado da inscrição no início da l.4, *Cantiensis* não é uma leitura absolutamente segura, podia ser um etnónimo com um radical mais longo, mas nunca poderia exceder mais do que duas letras; a grande abertura do C inicial da l.2 induziu-nos a admitirmos aqui um C também de grande abertura. O radical **Cant-* é bem conhecido do universo onomástico indo-europeu celta e celtizado (p.e, *Cantonus*, *Cantaber*, etc.). Para *Camalus* e *Medamus* ver a cartografia clássica (Untermann, 1965, p. 85-86 e 133), e note-se que a geografia destes dois nomes não se afasta muito, na Meseta, da documentação epigráfica de portadores de nomes derivados de *Coron-* e *Curun-* (Rodríguez Almeida, 1980, p. 151-152 e 157-159; Knapp, 1984, p. 307-309).

Do ponto de vista formal, tanto a forma do monumento como a invocatória aos Deuses Manes reproduzem uma prática romana, bem como o uso das fórmulas funerárias, que incluem expressões de ideias romanas como o reconhecimento da qualidade de piedoso por parte daquele que cumpre o ritual em relação aos deuses e, aqui em particular, em relação aos deuses romanos dos mortos. Resta saber quem são os deuses manes, para a sociedade indígena. A exclusiva latinização dos nomes indígenas, e a exclusão, da onomástica deste texto, de nomes mistos com elementos romanos, parece afirmar que estes naturais aceitaram os usos culturais romanos mas não aceitaram nem a forma de organização gentilícia romana nem necessitaram, neste momento, de assumir uma onomástica romana, apesar dos frequentes contactos que certamente tiveram com as mais importantes cidades da região, como provam os marcos miliários datados de Augusto, Nerva, Caracala e Valentiniano (Tranoy, 1981, p. 210, 216, 397), provenientes de Rubiães.

Infelizmente não possuímos inscrições desta comunidade de Rubiães que nos possam fornecer elementos onomásticos em quantidade suficiente que permita esboçar um quadro significativo dos usos onomásticos, como fizemos com os das comunidades indígenas dos *Igaeditani* (Dias, 1985), ou os de Cárquere (Dias, 1987). Na tentativa de caracterizar os antigos habitantes de Rubiães, e exclusivamente com base neste monumento, em relação àquelas duas comunidades, podemos afirmar que aqui o processo de aculturação tem maiores afinidades com o dos *Igaeditani* do que com o da população de Cárquere, onde os textos revelam um contacto mais tardio mas muito mais permeável ao uso da funcionalidade da estrutura onomástica romana.

Pela excelência formal do texto, e por razões paleográficas e formularias, pode atribuir-se a esta inscrição uma cronologia flávio-trajânica.

Sendo a documentação escrita da Antiguidade Clássica, sobre qualquer suporte epigráfico, numismático, musivo, cerâmico e, até, papiroológico, a transmissão mais genuína que nos foi transmitida pela realidade social que a produziu, qualquer avaliação da sua importância como elemento de correlação entre os saberes da Antiguidade, os já referidos e ainda o conhecimento do urbanismo, das redes viárias e de outras áreas arqueológicas, isto é, a História, ela não deixa de estar sujeita à fragmentaridade, precaridade e circunstancialidade da própria construção do saber dos que se dedicam às ciências da Antiguidade. Repare-se na perplexidade dos autores de um artigo desta revista (Dias; Soares, 1988-1989, p. 268) pela raridade de um tipo de material que já era conhecido, e bem documentado, pelo menos desde 1903 (Rodríguez de Berlanga, 1995), e mais recentemente, explorado historicamente (Cortijo Cerezo, 1990). Nesta ordem de ideias, sabemos tranquilamente que o futuro científico da forma onomástica proposta - *Corunis*, *Corunis* - fica em aberto¹.

¹ Com este artigo já em provas, tivemos acesso ao livro de Narciso C. Alves da Cunha, *Paredes de Coura*, Porto, 1909, onde na página 128 se refere a inscrição de Rubiães e se dá uma interpretação do texto, em português, da autoria de Leite Vasconcellos que transcrevemos: "AOS DEUSES MANES. / CORUNO MEDAMO, FILHO DE ... ENO, / ESTÁ AQUI SEPULTADO. / CAMALO CORUNO, FILHO PIEDOSO, / MANDOU FAZER (este monumento á memória de) SEU PAE."

Bibliografia:

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad de Murcia.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1964) - *Nuevos antropónimos hispánicos*. «Emerita». Madrid. 32, p. 209-252.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1965) - *Nuevos antropónimos hispánicos (continuación)*. «Emerita». Madrid. 33, p. 109-143.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1972) - *Nuevos antropónimos hispánicos (2.ª serie)*. «Emerita». Madrid. 40, p. 1-29, e 287 a 318.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1979) - *La onomástica de la Celtiberia*. In «Actas del II Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica». Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 131-167.
- BRANDÃO, D. P. (1960) - *Novas estelas funerárias de Várzea do Douro (Marco de Canavezes)*. «Revista de Guimarães». Guimarães. 70, p. 185-196 e fotografias.
- CARVALHAES, J. (1911) - *Aquisições do Museu Etnológico Português, 2. Aquisições atrasadas*. «O Archeologo Português». Lisboa. S. 1, 16, p. 103-125.
- COITO, L. C.; COELHO, J. T. P. (1988-1989) - *Nota acerca do Legado do Doutor Leite de Vasconcelos no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. «O Archeólogo Português». Lisboa. S. 4, 6/7, p. 333-365.
- CORTIJO CEREZO, M. L. (1990) - *El municipio romano de Ulia (Montemayor-Córdoba)*. Córdoba: Diputación Provincial de Córdoba.
- DIAS, M. M. A. (1985) - *Da latinização onomástica à romanização onomástica no processo de aculturação dos Igaeditani*. In «Symbola Ludovico Michelena septuagenario oblata». Vitoria: Universidad del País Vasco, p. 557-562.
- DIAS, M. M. A. (1987) - *Antroponímia de Cárquere, Resende, Viseu (Lusitânia portuguesa)*. «Veleia». Vitoria. Nova serie 2-3 (1985-86) p. 195-203. Actas del IV Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas, Vitoria/Gasteiz, 1985. (Studia Palaeohispanica).
- DIAS, M. M. A.; SOARES, A. M. M. (1988-1989) - *Os lateres "ex officina Vincinti" do Sul de Portugal*. «O Archeólogo Português». Lisboa, S. 4, 6/7, p. 263-269.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1975) - *Divindades indígenas sob domínio romano em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- KAJANTO, I. (1965) - *The Latin Cognomina*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.
- KNAPP, R. C. (1984) - *Latin inscriptions from Central Spain*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press.
- PALOMAR LAPESA, M. (1957) - *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- RODRÍGUEZ ALMEIDA, E. (1980) - *Ávila romana*. Ávila: Caja de Ahorros y Monte de Piedad de Ávila.
- RODRÍGUEZ DE BERLANGA, M. (1995) - *Catálogo del Museo Loringiano*. Málaga: Universidad de Málaga. Ed. anastática originariamente publicada em 1903.
- SCHULZE, W. (1904) - *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*. Göttingen: Gesellschaft der Wissenschaften.
- SOLIN, H.; SALOMIES, O. (1988) - *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*. Hildesheim: Georg Olms-Weidmann.
- TRANOY, A. (1981) - *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*. Paris: De Boccard.
- UNTERMANN, J. (1965) - *Elementos de un Atlas antroponímico de la Hispania Antigua*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

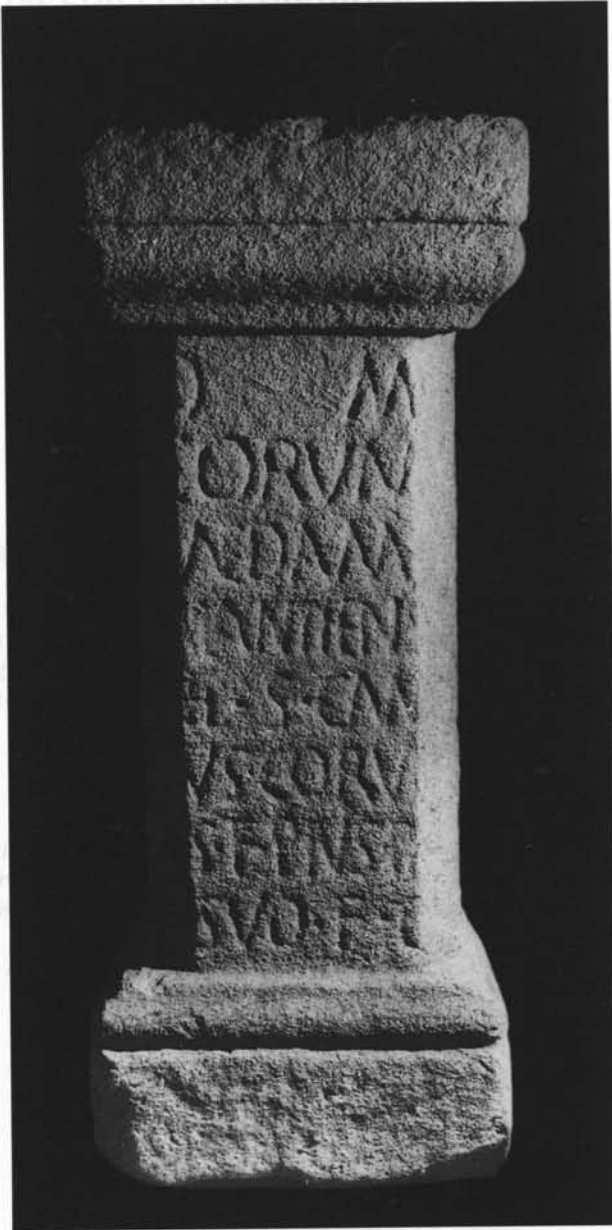


Fig. 1 – E - 5208 - Ara funerária de Rubiães, Paredes de Coura

Bibliografía

- ABRAMS, PALAU, T. M. (1994). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (1994). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (1995). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (1996). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (1997). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (1998). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (1999). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2000). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2001). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2002). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2003). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2004). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2005). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2006). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2007). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2008). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2009). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2010). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2011). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2012). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2013). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2014). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2015). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2016). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2017). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2018). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2019). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2020). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2021). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2022). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2023). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2024). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.
- ALBERTINI, FERNÁNDEZ (2025). *La escuela en Argentina*. Buenos Aires: Trilce.